



SITUANDO CONHECIMENTOS: MULHERES CIENTISTAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO¹

Raphael Bernardo²
Ester Albuquerque³
Vivian Matias dos Santos⁴

RESUMO

Partindo de uma abordagem “parcial” (HARAWAY, 2001) das ciências por meio da reflexão sobre lugares, temos a oportunidade de perceber que as ciências são construídas por múltiplos olhares, em um campo permeado de contradições e conflitos. Deste modo, é apostando na contribuição de uma abordagem parcial das ciências que propomos esta pesquisa. Tendo como cenário a universidade pública, a intenção é investigar: Como as relações de gênero estruturam o campo científico, especificamente, no âmbito da Universidade Federal de Pernambuco? Tendo como base os olhares, as falas e as trajetórias tanto de mulheres docentes pesquisadoras em início de carreira, quanto de mulheres cujas carreiras científicas já estão consolidadas, vislumbraremos uma investigação de gênero das ciências, dando conta de perceber o processo de inserção e permanência dessas mulheres nas ciências, suas trajetórias e dificuldades na produção de seus conhecimentos científicos. De forma estratégica, foram escolhidas como sujeitos desta pesquisa, cientistas vinculadas a quatro departamentos da Universidade Federal de Pernambuco: O Departamento de Serviço Social, historicamente conhecido por ser uma área de predominância feminina; o Departamento de Física, nicho expressivamente dominado por homens; e os representantes das Ciências Sociais, o Departamento de Antropologia e Museologia e o Departamento de Ciências Políticas, que a princípio se apresentam como ambientes mais híbridos. Tentamos analisar se de alguma forma as cientistas consideram que há, no âmbito da produção de conhecimento científico e tecnológico, uma “segregação sexual territorial e hierárquica”, se/ou como tal segregação incidiu em suas trajetórias.

Palavras-chave: Gênero. Ciências. Mulheres Cientistas.

¹ O presente artigo deriva dos resultados finais obtidos pelos subprojetos de iniciação científica: “Transgredindo a História (convencional) das ciências: Mulheres cientistas na Universidade Federal de Pernambuco”; e “Situando Conhecimentos: Mulheres Cientistas na Universidade Federal de Pernambuco”. Ambos os subprojetos derivam da pesquisa “SITUANDO CONHECIMENTOS: MULHERES CIÊNTISTAS EM PERNAMBUCO”, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (Edital MCTI/CNPq/SPM-PR/MDA Nº 32/2012; Processo número: 403696/2012-7), e desenvolvido através do HYPATIA – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero, Ciência e Culturas.

² Estudante do curso de Serviço Social na UFPE, bolsista de iniciação científica CNPq, Membro do Hypatia. raphaelbernardo001@hotmail.com

³ Estudante do curso de Serviço Social na UFPE, bolsista de iniciação científica CNPq, Membro do Hypatia. esterlbuquerquemonteito@hotmail.com

⁴ Professora Doutora do Departamento de Serviço Social da UFPE, coordenadora do Hypatia. vivianmsantos@yahoo.com.br

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



INTRODUÇÃO

No Brasil, as mulheres são a maioria das matrículas do ensino superior e são cada vez mais representativas entre aqueles que constroem suas carreiras como pesquisadores. Muitas mudanças podem ser observadas, se tivermos como referencial as primeiras universidades do Ocidente, onde as mulheres eram explicitamente proibidas até o Século XVIII. Sua inserção foi bastante gradativa no espaço acadêmico, só alcançando o cargo de professoras no início do século XX (SCHIENBINGER, 2001).

Porém, as conquistas ainda parecem ambíguas, as mulheres apresentam-se concentradas em áreas tradicionalmente femininas, mostrando-se que a maior presença de mulheres na academia não necessariamente significa uma ruptura com os códigos de gênero. É possível observar na contemporaneidade mecanismos discriminatórios discretos que incidem sobre a inserção de mulheres no campo da ciência no Brasil. As mulheres permanecem segregadas em certos nichos científicos, suas pesquisas tendem a movimentar menores recursos financeiros (MATIAS DOS SANTOS, 2010), e vivenciam certa dificuldade em ocupar cargos decisórios na política científica nacional (MATIAS DOS SANTOS, 2007).

Nossa história, dominada durante muito tempo por uma cultura androcêntrica, apontam as evidências que explicam a menor presença feminina em áreas tradicionalmente ocupadas por homens, especialmente nos setores das engenharias e na pesquisa tecnológica aplicada. Não é do dia para a noite que iremos superar os marcos culturais que impuseram às mulheres restrições no universo de escolhas profissionais. A sociedade tende a fazer escolhas baseadas na tradição e na experiência acumulada (MELO, 2004).

Partindo desta problemática, a presente pesquisa aposta na vantagem epistemológica de uma abordagem “parcial” (HARAWAY, 2001) das ciências por meio da reflexão sobre lugares, tempos e sujeitos específicos que influem na sua construção. Esta construção de uma visão parcial nos permite perceber que as ciências são constituídas por uma multiplicidade de visões. Por isto, investimos em uma visão parcial das ciências, nossa intenção é, com isto, descobrir como as

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



relações de gênero estruturam o campo científico dentro da Universidade Federal de Pernambuco.

De forma estratégica, foram escolhidas como sujeitos desta pesquisa, cientistas vinculadas a quatro departamentos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE): o Departamento de Serviço Social, historicamente estabelecido como “nicho feminino”; o Departamento de Física, espaço em que as mulheres são quase ausentes; e dois representantes das ciências sociais, o Departamento Antropologia e Museologia e o Departamento de Ciências Políticas onde, aparentemente, se observa uma maior equidade no que tange ao percentual de participação de mulheres e homens na produção de conhecimento científico.

Através de uma análise geracional buscamos encontrar nas trajetórias das docentes pesquisadoras, tanto nas de início de carreira, quanto às de carreira já consolidada, como se dá o processo de pertencimento ao campo científico. A partir disto, poderemos abrir possibilidades de reimaginar as mulheres no campo científico pernambucano, reeditando possibilidades e trajetórias.

Buscamos encontrar as perspectivas de nossos sujeitos dentro das suas particularidades de tempo e espaço. Não temos a pretensão de universalizar as experiências das mulheres cientistas que deram vida a este estudo, mas sim, despertar reflexões sobre um espaço específico de produção de conhecimento científico: a Universidade Federal de Pernambuco. Para chegar ao nosso objetivo, além da pesquisa bibliográfica, investimos em três eixos metodológicos, complementares entre si: abordagem biográfica, por meio de entrevistas; pesquisa documental; e observação direta dos laboratórios para a construção de aproximações de inspiração etnográfica.

1. ENTRE O CAMPO E A ACADEMIA: A EXPERIÊNCIA DE SER ASSISTENTE SOCIAL E CIENTISTA.

Dentro do campo acadêmico é comum se ter a percepção da hegemonia do sexo feminino dentro do curso de Serviço Social, tanto no corpo discente, quanto no docente. O Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Pernambuco não foge à “regra” da segregação sexual territorial (SCHIENBINGER, 2001): há 23 docentes, e destes 22 são mulheres.

Não se pode negar os fatores históricos na origem da profissão que incide sobre essas estatísticas. Em seus primórdios – na Europa ocidental do século XIX - a profissão estava diretamente ligada à noção de caridade, isto explica a presença majoritária de mulheres que optarão seguir pela profissão de Assistente Social, já que as mesmas, historicamente, possuíam a suposta “vocação” natural para este tipo de ofício.

Observamos com isto que ser Assistente Social, em seus primórdios, era visto como uma missão. A femininização da profissão permeou toda a história profissional. Em nossos dias, apesar das lutas, o Serviço Social ainda batalha para superar o imaginário popular que insiste em atribuir ao profissional do Serviço Social o caráter de “vocação” e, mais além, de “missão feminina”.

O Departamento de Serviço Social na Universidade Federal de Pernambuco, especificamente, foi iniciado há quarenta e quatro anos, em novembro de 1970, quando foi firmada a parceria entre a universidade e a Escola de Serviço Social, existente desde 1938. No processo foram incorporados pela UFPE os corpos docente e discente da Escola de Serviço Social, bem como seus equipamentos, móveis e biblioteca.

A trajetória de Rosa⁵ dentro da Universidade Federal de Pernambuco começa em 1978, quando esta inicia os seus estudos de graduação em Serviço Social. Trinta e cinco anos se passaram até então, neste intervalo de tempo, Rosa titula-se mestra, e depois doutora, e todo percurso é feito dentro do Departamento de Serviço Social da UFPE. Ela faz questão de lembrar que toda a sua trajetória acadêmica esteve sempre ligada a sua prática profissional como assistente social, seus interesses de pesquisa sempre foram despertados a partir das demandas

⁵ Nome fictício. Em referência a Rosa Luxemburgo (1871-1919) judia, polonesa, apaixonada militante, dirigente política e intelectual. Foi uma combatente na luta contra o capitalismo. Criticou o revisionismo teórico da social-democracia e o oportunismo da direita das direções sindicais da Alemanha.



encontradas em seu campo de trabalho, pois sempre acreditou que seus conhecimentos deveriam atender às necessidades da sociedade e não simplesmente seus anseios particulares, sempre buscando superar a dicotomia entre a teoria e o campo, tão presentes no Serviço Social.

Quando questionada sobre o sentido de ser cientista em sua vida, Rosa, explica que para ela a produção de conhecimento é mais uma das atribuições da sua docência. A vida institucional da universidade não permite que ela esteja 100% dedicada à produção de conhecimentos, o fato de estar em início de carreira compromete ainda mais a sua produção, já que, além da sala de aula e da extensão, ela se vê obrigada a assumir cargos de gestão, precarizando suas condições de trabalho.

A sua longa trajetória no departamento, primeiramente como estudante e agora como professora, faz com que ela seja uma testemunha da história do Serviço Social na UFPE. Quando questionada sobre a inserção de mulheres e homens no curso, Rosa, diz:

Quando eu vim fazer o curso, minha turma só tinha mulheres e tinha um rapaz, que nunca mais eu esqueci dele. Eu não consigo esquecer, ele passou uma semana com a gente e depois ele disse que entrou no curso errado, foi engano, não era aquilo, que não tinha nada a ver. E toda graduação, os quatro anos de graduação, que eu fiquei, não entrou um homem no curso.

Em seu relato, Rosa, deixa clara a dificuldade de está sempre tensionada no planejamento do seu tempo, entre o trabalho e a família, principalmente os filhos:

Hoje, eu penso, que eu gostaria de ter tido mais tempo pra conviver com os meus filhos. E eu não tinha, porque eu trabalhava muito. Sempre trabalhei muito e isso significa: era o trabalho formal, dentro da instituição e fora, porque, pra você produzir, pra você escrever, sistematizar, planejar, você precisa de outro tempo. Então era no final de semana, noites, madrugadas, por isso que eu me habituei muito a trabalhar pelas madrugadas, porque eu já trabalhava muito nesse tempo. Então isso, na verdade, te rouba tempo da tua relação com família.

Rosa deixa claro em seu discurso que acredita que a docência é para ela uma “missão”, acha uma dádiva a oportunidade de compartilhar seus conhecimentos e contribuir para a construção da carreira profissional de seus alunos, mas acredita

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



que há um desequilíbrio no trabalho dos docentes dentro das universidades públicas. Os trabalhos com a sala de aula, a pesquisa, extensão e gestão, demandam tempo para além das quarenta horas semanais, os recursos são cada vez mais escassos. E tudo isso acontece, muitas vezes, em um espaço de 17,5m², que é a área das salas pessoais dos professores do Departamento de Serviço Social, acolhendo nesse espaço materiais, mobílias e bolsistas, deixando cada vez mais clara a proletarização do trabalho da docente:

Na verdade, você faz um concurso pra ser professor, mas, quando você entra, o que vai te identificar, não é se você é um excelente professor, é se você é um pesquisador, se você tem os títulos que universalmente, no âmbito nacional, são consagrados a um bom pesquisador. O teu referencial não é ser um docente, mas passa a ser: o pesquisador. Nessa hora, eu acho que há uma dissociação, entre o ensino, a extensão e a pesquisa.

2. MULHERES CIENTISTAS NA ANTROPOLOGIA: A CONSTRUÇÃO DO PROTAGONISMO.

Em seus primórdios a antropologia se caracterizou como uma ciência onde se predominava o trabalho de homens que se aventuravam em expedições de campo, fazendo com que passassem longas temporadas em excussões, ganhando notoriedade por suas descobertas. Era comum que estes primeiros antropólogos levassem as suas esposas para acompanhá-los nos trabalhos, já que muitas vezes essas viagens eram longas, e assim foi surgindo os primeiros movimentos femininos dentro da antropologia.

Com o passar dos anos, essa predominância masculina na antropologia não se mantém, talvez, por ser uma ciência que se ocupa em entender o diferente e também por ser um grande expoente da teoria feminista. Com isto, a mulher passa a protagonizar também este espaço científico.

A entrevista com a nossa primeira docente do Departamento de Antropologia e Museologia da UFPE aconteceu no Laboratório de Expografia (ExpoLab), do qual ela é coordenadora. O ExpoLab é responsável por pesquisar técnicas de exposição, localizado no *Núcleo Integrado de Atividades de Ensino* do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (Niate-CFCH).



Hannah⁶ é professora da Universidade Federal de Pernambuco desde 2009. Ela é graduada em Ciências Sociais e possui mestrado e doutorado na área de Antropologia. Hannah diz que não se coloca muito como cientista, apesar do seu título, talvez por estar inserida em um campo de ciência, que é a Antropologia, onde não se preocupa tanto em afirmar os conhecimentos produzidos como uma ciência. Para ela o papel da ciência e do cientista, vai ao sentido de ajudar a pensar as coisas de uma maneira que não é a primeira maneira como habitualmente se pensaria, é “pensar extrapolando o ordinário”.

Apesar de concordar que o seu campo de pesquisa se estabelece como um espaço equilibrado no que tange à participação de mulheres e homens⁷, Hannah percebe que há particularidades em ser homem ou mulher na academia.

Mulher, antropóloga, inserida numa universidade, dentro dessa lógica produtivista de lattes. Assim, eu acho que a lógica é mais complicada pra mulher. E eu falo assim: as minhas dificuldades tão muito relacionadas ao fato de eu ter filhos, né? Não quer dizer que mulheres que não tenham filhos não vão passar por dificuldades, por serem mulheres na academia, né? Mas eu posso falar da minha experiência, né? O que eu sinto mais fortemente é que aparecem dificuldades relacionadas a isso. É... e o valor mesmo, assim, até nesse campo de filhos [...], que é muito diferente um professor que é pai e uma professora que é mãe, né? Uma professora que tem três filhos, um professor que tem três filhos, são vistos de uma maneira diferente na universidade, né? E acho que isso me coloca uma série de questões.

As docentes se veem em um espaço de tensão em busca da conciliação do seu tempo diante das demandas do universo acadêmico e de suas vidas pessoais/familiares. Ao serem aprovadas para uma vaga de docente na universidade, elas também assumem o compromisso com a Extensão e a Pesquisa, dentro de um ambiente androcêntrico e produtivista onde o primordial é o “currículo lattes”, o que dificulta, por exemplo, a decisão de uma pesquisadora que opta por ser casada e ter filhos, pois estará assumindo mais uma “atividade”.

⁶ Nome fictício. Em referência a Hannah Arendt (1906-1975). A autora de origem judia, perseguida pelo regime de Adolf Hitler, construiu em suas obras pensamentos fundamentais para a compreensão da política e da condição humana.

⁷ O Departamento de Antropologia e Museologia possui um corpo docente constituído por 22 docentes: 11 homens e 11 mulheres, conforme *site* institucional. Consultar: http://www.ufpe.br/antropologia/index.php?option=com_content&view=article&id=206&Itemid=220



Há ainda uma segunda professora participante de nossa pesquisa do Departamento de Antropologia e Museologia, iremos chamá-la de Simone⁸. Simone é docente da Universidade Federal de Pernambuco há quase dezoito anos. Possui duas graduações, Engenharia de Pesca (1989) e Ciências Sociais (1991). É mestra em Antropologia, doutora em ciências sociais e pós-doutora em antropologia.

Apesar do campo da Antropologia e Museologia estar, quantitativamente, equilibrado no que se refere à participação de mulheres e homens, ela não descarta que mecanismos discriminatórios de gênero agem dentro desse campo.

Eu tendo a perceber que no campo profissional as mulheres ainda estão sob desigualdade de gênero, e na Antropologia não é diferente. A gente tem uma reunião só com coordenadores das pós-graduações, e então um colega fez uma brincadeira com as mudanças de humor por conta da TPM, e nisso ele já começou criticando o comportamento das mulheres, e nisso ele foi execrado por quem tava lá e as mulheres eram a maioria. Aqui no nosso PPGA [Programa de Pós-graduação em Antropologia] já foram postos nos murais cartazes que diziam que estavam sendo fechados os cursos de graduação em gênero na Inglaterra, como uma forma de dizer que este é um estudo datado.

Simone ainda lembra que o seu trabalho como antropóloga impõe algumas dificuldades específicas por ser mulher. Mas lembra que essas são especificidades culturais, não necessariamente próprias do campo da antropologia.

Diante da cultura machista que se vive em nossa sociedade, ela acredita que os homens e as mulheres não trabalham em condições de igualdade quando pensamos na disponibilidade do tempo, a lógica que domina o mundo acadêmico é androcêntrica.

As mulheres que tem filhos de zero a quinze anos, se elas não tiverem um suporte de apoio elas não podem fazer isso. Não adianta! Pela forma que é dividida a educação dos filhos. Então se o marido dela não se colocar como corresponsável, ela não poderá fazer isso. Eu, depois que me separei, não passei por isso porque minha mãe morava comigo e se disponibilizava para fazer isso. Eu tenho amigas que não puderam fazer doutorado fora porque optaram pela família, e se tiver filhos é muito pior.

Um grande problema apontado por Simone é a falta de percepção de muitos professores da noção de separação entre o seu trabalho e a instituição. Segundo

⁸ Nome fictício. Em referencia a Simone de Beauvoir (1908-1986), escritora, filósofa existencialista e feminista francesa.



ela, há, muitas vezes, uma dissociação sobre o compromisso dos estudos dos pesquisadores com a instituição UFPE, enveredando as suas pesquisas em um viés egoísta, atendendo apenas aos seus interesses de desempenhos particulares, não assumindo, por exemplo, cargos de gestão, pois: “Isso não pontua, não dá visibilidade, não dá fama!”. O “espírito de colonizado” também assombra os docentes, que apesar de criticarem os parâmetros estipulados pelo eixo sul e sudeste, batalham para se adequar a estes, abrindo mão de sua autonomia e reforçando/legitimando as desigualdades regionais na política científica.

As evidências apontadas acima são alguns dos reflexos resultantes da dinâmica nacional da política científica e tecnológica do país. Os docentes na atualidade vivem em uma lógica produtivista, inseridos em um pensamento de “ciência *fast food*”⁹, “ciência salame”¹⁰, alienando-se da essência de seu trabalho.

Essa política é burra, é idiota! Um Departamento não se faz só de publicações, tem várias outras questões que precisam ser feitas. Como é que você não pontua o ensino? Como é que você não pontua a produção técnica? Ela é uma política estúpida e extremamente neoliberal! Ela é massacrante, desumana! E ela desconsidera as pessoas mais velhas, que não foram formadas nesse perfil!

3. MULHERES NO CAMPO DA FÍSICA: A SUPOSTA IGUALDADE DE GÊNERO?

No Departamento de Física foram coletadas e analisadas as atas de reunião de pleno referentes ao período de 1995 a 2013, pois apesar deste departamento ter sido fundado em 1968, não tivemos acesso às atas referentes aos primeiros 27 anos de existência.

Por meio da leitura e análise dos documentos acessados percebemos que o processo de progressão profissional se dá, regularmente, tanto para homens quanto para mulheres. É recorrente nas reuniões constarem como pauta os processos de progressão funcional de docentes. Para ilustrar esta afirmação, por exemplo, na ata de Reunião do Pleno do Departamento de Física do dia 21 de fevereiro de 1995 está registrado o seguinte dado: “Homologação do resultado da Comissão de Avaliação

⁹ Produção científica feita em grande velocidade e escala.

¹⁰ Fragmentação de um mesmo trabalho em vários artigos.



conhecimentos discursos sexistas. E, como não pudemos entrevistar nenhuma das docentes do departamento, ficam os questionamentos: Como essa suposta igualdade de gênero (já que não há distinções de gênero nas legislações que regem a carreira dos docentes nas universidades públicas federais) ocorre no cotidiano de trabalho neste espaço? Existem, neste departamento, mecanismos discriminatórios mais sutis? Como tais mecanismos se expressam? Para estas reflexões, um dado observado merece reflexão: durante o período de 1995 a 2013 a chefia do departamento – cargo de gestão hierarquicamente mais elevado neste espaço – foi ocupada somente por homens.

Diante da impossibilidade de entrevistar as mulheres que constroem suas carreiras neste espaço específico, nos restaram muitas questões com respostas ainda não ensaiadas.

4. PRIMEIROS PASSOS: AS DIFICULDADES DE SER MULHER EM INÍCIO DE CARREIRA DENTRO DAS CIÊNCIAS POLÍTICAS.

A docente entrevistada, Judith¹¹, é contratada pelo departamento por tempo determinado, tendo sido aprovada em seleção pública para professora substituta. Deste modo, as suas narrativas são tecidas a partir de um lugar específico: o lugar ocupado por uma mulher docente e pesquisadora, em início de carreira, buscando sua inserção, permanência e reconhecimento no Departamento de Ciência Política da UFPE, um espaço tradicionalmente masculinizado.

O Departamento de Ciência Política da UFPE, assim como muitos departamentos desta área, é composto por uma grande maioria masculina. Este fato, por si só, é ponto de tensões e conflitos na experiência da docente entrevistada:

Dentro das ciências eu acho que a ciência política é a mais masculina na verdade. Comparando aqui, não só com o departamento não da UFPE, mas com o departamento de outras universidades, isso é bastante comum. A gente ter um departamento quase 100% homens. E... Isso acaba se reproduzindo. Tanto é que aqui na UFPE acho que a primeira professora mulher foi aparecer com três anos atrás [...]. É um pouco complicado pra

¹¹ Nome fictício. Em referência a Judith Butler (1956), filósofa pós-estruturalista. Uma das principais teóricas da questão contemporânea do feminismo, teoria *queer*, filosofia política e ética.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



você se inserir dentro do departamento. E também em relação aos alunos, você sempre tem essa limitação, pelo fato de você ser mulher você já tem um certo cuidado. E no meu caso, como sendo uma mulher mais nova, se torna mais complicado um pouquinho. Você não tem aquela visão de um pesquisador, de um professor, você na verdade é sempre vista como a monitora né? Então isso é bastante comum aqui, pelo ao menos aqui na UFPE.

Com esta narrativa, parece que a ciência política na UFPE, seguindo uma tradição histórica nas ciências sociais, se estabelece, aparentemente, como uma área não somente de predominância numérica masculina, mas como uma área em que para conseguirem reconhecimento as mulheres enfrentam maiores obstáculos do que aqueles enfrentados por homens.

Entretanto, esta possível discriminação aparenta não existir. Seria uma discriminação “velada”. Mas o fato de ser uma mulher, em um departamento de maioria masculina, acarreta alguns tensionamentos em seu cotidiano de trabalho:

Na verdade acho que não tem nenhum mecanismo mais estabelecido assim pra discriminação. Eu acho que a discriminação que existe ela é muito mais velada. Ela é muito mais inconsciente, certo? Em alguns sentidos você tem uma preocupação: “Não, não vamos falar isso não por que ela está aqui, ela não pode ouvir!”, ou, “não vamos pedir pra ela fazer tal coisa por que isso não é atividade de mulher”, ou, “não vamos deixar ela sozinha com os alunos por que pode pegar mal”. Então isso, tem assim, alguma coisa mais inconsciente, na verdade os próprios professores eles nem notam que estão tendo esse tipo de comportamento.

Sobre o estado de dupla discriminação –por ser mulher e nordestina- no campo científico em geral, a professora agrega mais um elemento que acentua o cenário destas desigualdades: o fato de seus estudos estarem situados nas ciências políticas.

Difícil... Bastante difícil... Na verdade a gente tem uma série de limitações pra desenvolver ciência no Brasil, né? E, especificamente em Pernambuco, e especificamente como mulher, que se torna um pouco mais difícil. [...] principalmente na área de ciências política, por que a gente tá falando de uma área bem tradicionalmente masculina, tradicionalmente sudeste. Então, às vezes, a gente tem pouca inserção, pouco acesso a certas discussões também por uma limitação já inicial. Então, mesmo que a gente tenha qualificação pra fazer algumas atividades, a gente tem várias dificuldades pra fazer, principalmente aqui.

Esta realidade de precarização do trabalho científico no Nordeste é vivenciada cotidianamente pela professora do departamento de Ciência Política. Em

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



determinados pontos de sua fala, a mesma expressa a discordância entre o seu desejo de desenvolver suas pesquisas contando com recursos necessários e as reais condições de trabalho a qual ela está condicionada:

Eu acho que a principal limitação é de infraestrutura e de recursos. Eu acho que é uma coisa que eu tô me repetindo um pouco, mas é a realidade. Por que você pensa assim, são coisas pequenas, mas você, por exemplo, não pode ter uma reunião de pesquisa e chamar um professor de fora do país, por que toda vez que a gente chama um professor aqui ele não consegue subir nesse elevador, tá o elevador quebrado, tem que subir quatorze andares de escada, não tem uma sala adequada pra ter reunião, não tem condição física pra você ter certas discursões, por exemplo. E limitação de recursos, tem dias que a gente quer fazer um trabalho aqui e não tem papel, não tem impressora funcionando, não tem uma sala. A gente tem uma aqui, de manhã tem um grupo de pesquisa e tem vários alunos da graduação trabalhando aqui e eles ficam aqui se amontoando nessa sala por que a gente não tem uma sala pros meninos trabalharem e a gente já fez essa solicitação várias vezes e não consegue.

Refletindo sobre as condições de desenvolvimento de pesquisas por mulheres, se faz necessário também levar em consideração dificuldades que marcam a trajetória destas pesquisadoras, mas que por vezes tem origem na parte do seu cotidiano que acontece fora do âmbito de trabalho, e que mesmo assim é significativa na construção de sua carreira acadêmica. Podemos nos questionar, por exemplo: Como uma pesquisadora faz para dar conta de exigências de cunho acadêmico tais como docência, pesquisa, extensão, publicações entre outras exigências e conciliar a vida familiar e todas as implicações inerente a esta realidade?

Em seus relatos, afirma ser bastante conflitante a conciliação entre a carreira acadêmica –que está iniciando- e as outras esferas de sua vida, como, por exemplo, a vida familiar. Mesmo não possuindo filhos, afirma que não consegue estar presente o quanto gostaria no cotidiano de seu companheiro. Concomitante as suas atividades como docente, a entrevistada está concluindo o seu doutorado, o que deixa o processo mais desgastante.

É verdade que as cobranças por produtividade não leva em consideração problemas que acometem as mulheres em maior proporção e intensidade, por exemplo, a gestação, resguardo, amamentação e até mesmo a educação dos filhos,

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



BORN, Claudia. Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. IN: LOURO, Guacira Lopes. (Org.) O corpo educado – pedagogias da sexualidade. 3 ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte-MG: Autêntica editora, 2010. (151-172p.) empíricos. Sociologias. N. 5, ano 3, Porto Alegre, jan./jun. 2001.

HARAWAY, Donna. Situated Knowledge: the science question in feminism and the privilege of partial perspective. In: LEDERMAN, Muriel e BARTSCH, Ingrid. The gender and science reader. London/New York, Routledge, 2001.

IAMAMOTO, Marilda Villela; CARVALHO, Raúl. Relações sociais e serviço social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. São Paulo: Cortez, 2012.

LATOUR, Bruno. Ciência em ação – como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MATIAS DOS SANTOS, Vivian. Ciência e tecnologia: expressões sutis da discriminação de gênero? Emancipação (UEPG. Impresso). , v.10, 2010. (p.459 - 477) Disponível em <

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/viewArticle/1217>>.

Acesso em 9 de junho de 2014.

MATIAS DOS SANTOS, Vivian. Ruptura dos códigos de gênero ou mecanismos sutis de discriminação? Mulheres e homens na política de fomento à ciência e tecnologia: um estudo da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP. (Dissertação). Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade, Fortaleza: UECE, 2007.

MELO, Hildete Pereira de; LASTRES, Helena Maria Martins; MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. Gênero no Sistema de Ciência, Tecnologia e Inovação no Brasil. Revista Gênero, v. 1, 2004. Disponível em < <http://www.cbpf.br/~mulher/hildete1.pdf> >. Acesso em 8 junho de 2014.

SCHIENBINGER, Londa. O feminismo mudou a ciência? Tradução de Raul Fiker. Bauru: EDUSC, 2001. (Coleção Mulher).

ZIMMERMANN, Tânia Regina; MEDEIROS, Márcia Maria. Biografia e Gênero: repensando o feminino. Revista de História Regional, 9(1), Verão 2004. (31-44p.).